



A CAPOEIRA E SEUS ASPECTOS MÍTICO-RELIGIOSOS

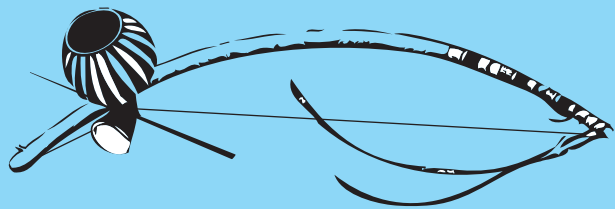
PEDRO RODOLPHO JUNGERS ABIB

A CAPOEIRA, UMA DAS MAIS IMPORTANTES E SIGNIFICATIVAS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA, CARACTERIZA-SE PELO SEU ASPECTO PLURAL E MULTIFACETADO QUE TANTO PODE SER ENTENDIDA COMO LUTA OU DANÇA, COMO PODE SER CONSIDERADA JOGO OU BRINCADEIRA. HÁ AQUELES QUE A CONSIDERAM ARTE E, OUTROS, ESPORTE. COMO PODERÍAMOS, ENTÃO, DEFINI-LA ?



Dentre os vários aspectos expressados pela capoeira, o componente mítico-religioso foi sempre um dos que mais suscitou curiosidades, debates, opiniões e muitas histórias contadas e recontadas por meio da tradição oral presente na cultura popular, uma das formas mais importantes de transmissão dos saberes e conhecimentos.

A CAPOEIRA E SEUS ASPECTOS MÍTICO-RELIGIOSOS



Como dizia o saudoso Mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha, que viveu na Bahia e faleceu em 1980), "a capoeira é tudo que a boca come e tudo que o corpo dá". Essa frase dita por um dos maiores guardiões dessa manifestação demonstra o caráter múltiplo e dinâmico da capoeira, que se transmuta e se adapta, que se rebela e se acomoda, que cria e reproduz, que já serviu para se defender e até matar, e que hoje serve para educar, mas que sempre foi um grito de liberdade e de reafirmação de uma cultura e de um povo oprimido, reflexo da triste história de quatro séculos de escravidão no Brasil.

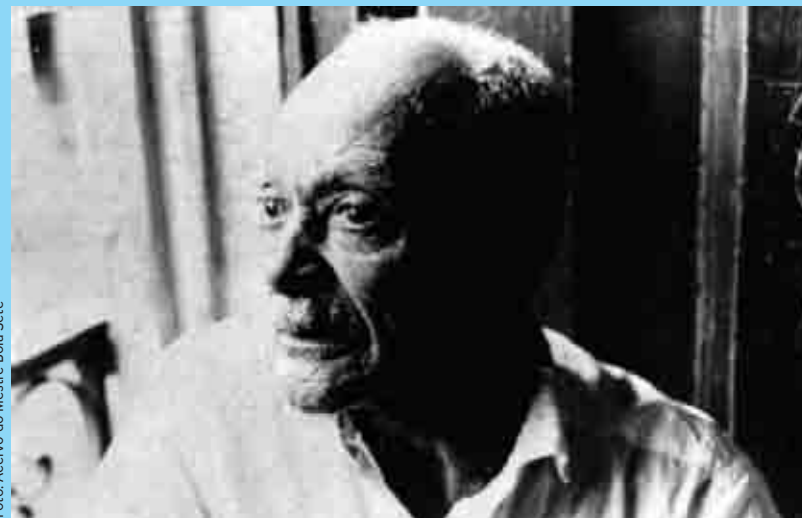


Foto: Acervo do Mestre Bola Sete

■ Mestre Pastinha

Dentre os vários aspectos expressados pela capoeira, o componente mítico-religioso foi sempre um dos que mais suscitou curiosidades, debates, opiniões e muitas histórias contadas e recontadas por meio da tradição oral presente na cultura popular, uma das formas mais importantes de transmissão dos saberes e conhecimentos.

No imaginário da capoeiragem e dos capoeiras, não existe figura mais expressiva e representativa do que Besouro Mangangá, Manoel Henrique Pereira por batismo. Ainda hoje muitos duvidam de sua existência. Houve quem afirmasse categoricamente, como o falecido Mestre Cobrinha Verde (Rafael França), ter convivido e aprendido capoeira com Besouro. Apenas recentemente foi encontrada uma prova de sua existência: seu registro de óbito, localizado na Santa Casa de Misericórdia de Santo Amaro da Purificação.

Na memória dos mais antigos moradores do Recôncavo Baiano, a figura de Besouro vive e protagoniza inúmeras histórias e "causos" envolvendo suas peripécias e astúcias no enfrentamento com a polícia, sua valentia ao brigar e ao bater em vários oponentes ao mesmo tempo, e, principalmente, sua fama de ter o "corpo fechado" por obra de sua iniciação nas artes da magia africana que o permitia "virar e desviar coisa, toco ou bicho, e até mesmo de sair voando em caso de precisão".



Besouro Mangangá, ou Besouro Preto, ou ainda Besouro Cordão de Ouro, como o chamavam seus companheiros de vadiagem, é o elo com a capoeira do século XIX, afirma o pesquisador Antonio Liberac Pires¹, tradição dos escravos e das lutas pela liberdade, tempo de conflito entre maltas, disputas a navalha, capangas eleitorais. Passado lendário de vadiagem, de façanhas memoráveis nas brigas com a polícia. Besouro é cantado, ainda hoje, nas rodas de capoeira, em prosa e verso. Sua valentia e perspicácia foram e continuam sendo referência para os capoeiras desde há muito tempo. Pela fama que alcançou, inclusive pelas qualidades adquiridas de ter o “corpo fechado”, Besouro tornou-se uma lenda ainda em vida.

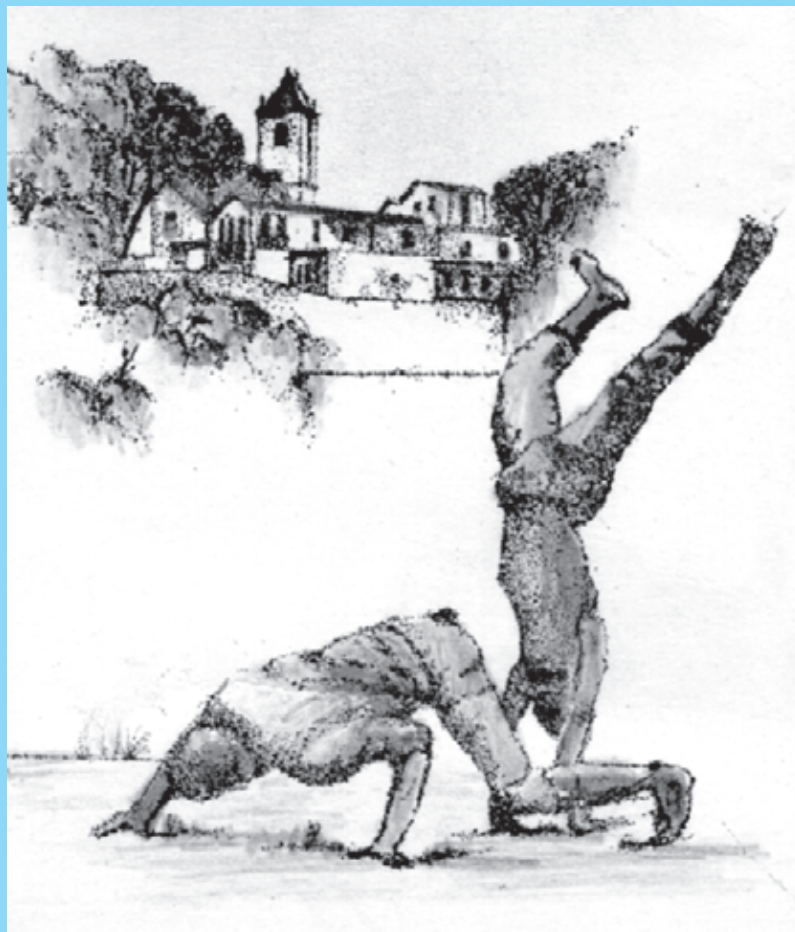
*Zum, zum, zum, Besouro Mangangá
Batendo nos soldados da polícia militar
Zum, zum, zum, Besouro Mangangá
Quem num pode com mandinga
não carrega patuá.....²*

O Mestre João Pequeno de Pastinha (João Pereira dos Santos), discípulo mais importante de Mestre Pastinha, ainda em atividade e prestes a completar noventa anos, afirma que Besouro era primo de seu pai, e que, desde menino, ouvia falar de suas proezas e, por isso, queria aprender capoeira para ser valentão como Besouro. Segundo seu pai contava, Besouro se escondia de uma pessoa em qualquer lugar, passava por ela e a pessoa não o via. João assegura que seu pai também era “preparado” de oração e tinha certas qualidades, inclusive, como Besouro, a de desaparecer: “Ele andando assim, num caminho e quando avistava uma pessoa que ele não queria que visse ele, a pessoa não via mesmo não”.

Adentrando pelo campo da literatura, o personagem Besouro, que narra suas histórias no belo livro “Feijoada no Paraíso”, de Marco Carvalho³, conta como aprendeu capoeira com Tio Alípio, “...que já era velho quando conheci, mas parecia ter sido assim desde sempre. Andava leve, pisando macio no chão feito bicho gato”. Tio Alípio era um ex-escravo que, quando moço, despertou paixões na sinhá do engenho, causando a ira do patrão, que mandou matá-lo, o que só não ocorreu, “porque o moço era já feito na crença das linhagens de fé do povo iorubá”. Continua o personagem Besouro, revivido por Carvalho:

Tio Alípio me ensinou de tudo um muito. Com a calma do parteiro dos anos que a eternidade é que engendra. Ele era um negro, daqueles uns que olharam bem fundo no olho da maldade e viram a única forma de sair vivo de lá. A capoeira é a arte do dono do corpo e de outros tantos. Pois se não. O que come primeiro, o ardiloso, é o que não é nem nunca foi aquele o pé redondo, o redemunho, o não falado, o tristonho, não. Ca-

poeira é de Deus. Mundo e gentes muitas têm mandinga, corpo tem poesia, pássaro tem bico. Capoeira tem axé. Meu pai e meu mestre me ensinou. E isto não é pouca coisa. Mas mel não conhece flor nem reconhece abelha. O que me ensinou capoeira conhecia.



■ O jogo da capoeira - Acervo do Instituto Jair Moura

O aspecto mágico e misterioso, conhecido no universo da capoeiragem como mandinga, é elemento fundamental para compreensão mais aprofundada sobre essa manifestação. O substantivo “mandinga”, segundo o pesquisador Waldeloir Rego⁴, refere-se possivelmente à região Mandinga, na África ocidental, banhada pelos rios Níger, Senegal e Gâmbia, uma vez que entre os africanos trazidos para o Brasil havia a crença de que nessa região habitavam muitos feiticeiros. Assim, no tocante ao envolvimento do capoeira com a magia, constituíram-se mitos ainda fortes na memória coletiva da capoeira.

(1) *Bimba, Pastinha e Besouro Mangangá*. Antonio Liberac Pires. Tocantins: NEAB, 2002

(2) Cantiga de domínio público

(3) *Feijoada no paraíso: a saga de Besouro*, o capoeira. Marco Carvalho. Rio de Janeiro: Record, 2002.

(4) *Capoeira angolana: ensaio sócio-etnográfico*. Waldeloir Rego. Salvador: Itapuã, 1968

(5) *O jogo da capoeira: cultura popular no Brasil*. Luiz Renato Vieira. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.



O Mestre Cobrinha Verde era um dos que mais valorizava as “artes da mandinga”, atribuídas aos ensinamentos que recebeu de Besouro e de outros conhecedores desses “ofícios” em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano.

O grande Mestre Valdemar da Liberdade, outro também que já não está mais por aqui, disse uma vez ao pesquisador Luiz Renato Vieira⁵ que os mestres de antigamente “... tinham muita mandinga, viravam folha, viravam bicho. Aquilo era próprio para barulho. Besouro era um grande capoeirista, mas tudo debaixo de oração”.

Mestre João Pequeno dá uma das versões da morte de Besouro, segundo a qual sua mandinga foi quebrada:

A mandinga existe na capoeira, também um patuá que se usava no pescoço. Dentro do patuá, tinha orações, rezas que preparava o corpo, rezas que faca não fura. Mas pessoas de corpo sujo que tem relações sexuais estão despreparados e com o corpo aberto. Foi assim que aproveitaram para matar Besouro. Ele dormiu na casa de uma mulher e no outro dia quando vinha voltando, passou por debaixo de uma cerca de arame, e o arame feriu suas costas, então ele viu que aquele dia ele tava fraco (...) Foi nesse dia que mataram Besouro, com uma faca preparada de tucum, que é uma palmeira que dá no mato.

João Pequeno também conta que quem lhe deu o primeiro treino de capoeira foi um negro chamado Juvêncio, que trabalhava de ferreiro, isso quando ainda morava em Mata de São João, interior da Bahia. Segundo ele, Juvêncio era amigo de Besouro, com quem conviveu muito tempo, e, por essa razão, tinha muitas histórias para contar.

O Mestre Cobrinha Verde era um dos que mais valorizava as “artes da mandinga”, atribuídas aos ensinamentos que recebeu de Besouro e de outros conhecedores desses “ofícios” em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano. Conta ele que esses ensinamentos o ajudaram a se livrar de inúmeras situações de perigo enfrentadas durante suas aventuras pelos vários lugares por onde passou, inclusive referentes à sua participação em bandos armados que percorriam o interior do Nordeste brasileiro:

O breve que eu usava tinha oração de Santa Inês, de Santo André, de Sete Capelas, tinha Sete folhas. Depois que eu usava, botava ele em cima da mesa num prato virgem. Ele ficava pulando, porque era vivo. Mas houve algum problema, pois ele fugiu e desapareceu de mim. Foi algum erro que eu cometi e ele foi embora e me deixou. Quando entrei no bando de Horácio de Matos com dezessete anos, eu já tinha esse breve. Foi ele que me livrou de muitas coisas. Quem me deu esse breve foi um africano que até hoje, quando eu falo nele, meus olhos ficam cheios d'água. Ele se chamava tio Pascoal.⁶

A CAPOEIRA E SEUS ASPECTOS MÍTICO-RELIGIOSOS



(6) Capoeiras e Mandingas. Cobrinha Verde/Marcelino dos Santos. Salvador: A Rasteira, 1991



Cobrinha Verde dizia-se católico, mas não deixava de recorrer também às tradições religiosas africanas para o “fechamento de seu corpo” com o intuito de se proteger dos inimigos “desse mundo e do outro”. Uma das orações que usava é aqui descrita:

*Valei-me meu São Silvestre
E os anjos 27 pela sua camisa que veste
Assim como abrandaste
Os corações dos três leões
Em cima do morro cravado de pé e mão
Abrandai eles debaixo do meu pé esquecidos
Mais mansos do que a cera branca
Se olhos tragam, não me enxergarão
Se boca tragam, não me falarão
Se pagam pra mim, não me alcançarão
Se faça tragam pra mim,
É de se enrolar como Nossa Senhora enrolou o
arco celeste
Cacete pra mim é de ser quebrado,
Assim como N.Senhora quebrou os gravetos pra
ferver o leite
Do seu Bendito Filho
Arma de fogo para mim apontada,
É de correr água pelo cano, sangue pelo gati-
lho,
Assim como N.Senhora
Chorou lágrimas pelo seu Bendito Filho.
Amém.⁷*

Os depoimentos dos capoeiras mais antigos evidenciam a mandinga como componente fundamental da capoeira. No contexto da capoeira, o termo mandinga designa tanto a malícia do capoeirista durante o jogo, fazendo “fintas”, fingindo golpes e iludindo o adversário, quanto uma certa dimensão sagrada, um vínculo do jogador da capoeira com o mistério das religiões afro-brasileiras.

A mandinga é um dos elementos que diferenciam as características da capoeira angola e da regional, segundo a visão de alguns mestres. A capoeira regional, segundo eles, tem se distanciado cada vez mais dos elementos mítico-religiosos presentes na tradição africana, salvo algumas exceções. Isso acaba determinando uma estética de jogo e um sistema simbólico próprios, os quais privilegiam muito mais a objetividade do que a subjetividade, a técnica do que a malícia, o confronto direto do que a dissimulação, características estas que, diferentemente das primeiras, se aproximam mais da mandinga da capoeira angola. Isso não quer dizer que não existam alguns desses elementos entre os praticantes da capoeira regional, porém apresentam-se em menor escala.

Mestre Eletricista (Edílson Manoel de Jesus) diz que “a mandinga não se ensina...mandinga você aprende”, referindo-se ao percurso individual que cada capoeira tem que

percorrer para desenvolver as “artes da mandinga”, processo quase religioso de iniciação, porém sempre tendo como referência os “antepassados que passaram isso pra gente”, conclui Eletricista.



■ João Pequeno e João Grande prontos para iniciarem um jogo (1968) – Foto: Jair Moura

Ao pé do berimbau, os dois capoeiras agacham-se, prontos para iniciar o jogo. Esse é um momento muito especial, pois na roda de capoeira angola, segundo a tradição do Mestre Pastinha, o jogo inicia e termina com os mesmos jogadores. Existe o tempo para que cada jogador estude seu parceiro, procure decifrar o seu jogo, prepare com cuidado o seu “bote”, que é dado no momento certo. Um capoeira considerado mandingueiro é aquele que vai “cevando” o outro, ou seja, vai aguardando, sem pressa, um descuido para, então, aplicar seu golpe certeiro.

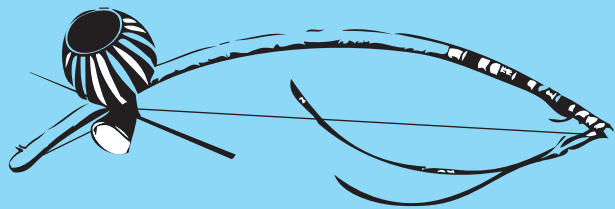
Por isso, o pé do berimbau, local de entrada e saída do jogo na capoeira angola, é um lugar sagrado onde se juntam o início e o fim, o passado e o presente, o céu e a terra, o bem e o mal, a vida e a morte. A morte é sempre uma possibilidade latente. Todo capoeira sente sua presença ao agachar-se ao pé do berimbau. O coração bate mais forte, a respiração altera-se e os olhos fixam-se nos do seu parceiro de jogo, que pode vir a se tornar seu algoz. Por isso, ao pé do berimbau, alguns capoeiras se benzem. A mandinga aí se expressa: seja pelo sinal da cruz, sejam pelos “traçados” que o capoeira faz com as mãos tocando o chão, hábito que se perde no tempo entre os velhos “angoleiros”. Seja ainda pela proteção que pede aos orixás ou aos santos, por meio de gestos próprios, com as mãos e com o corpo, ou mesmo durante o cantar de uma ladainha. O berimbau ecoa sons ancestrais e pede a proteção aos antepassados. O berimbau era usado na África para

(7) Capoeiras e Mandingas. Cobrinha Verde/Marcelino dos Santos. Salvador: A Rasteira, 1991



O berimbau ecoa sons ancestrais e pede a proteção aos antepassados. O berimbau era usado na África para conversar com os mortos. Só então os dois apertam-se as mãos, e o jogo pode iniciar-se.

A CAPOEIRA E SEUS ASPECTOS MÍTICO-RELIGIOSOS



A "chamada de angola" sendo executada
Foto: Acervo do Instituto Jair Moura

conversar com os mortos. Só então os dois apertam-se as mãos, e o jogo pode iniciar-se.

Outra situação muito característica da capoeira angola que traz elementos da mandinga é a "chamada de angola". A chamada é um momento de quebra e interrupção no andamento do jogo. É um parêntesis na sucessão de movimentos de ataque e de defesa, incluindo também a ginga, quando um jogador promove a ruptura dessa dinâmica, "chamando" o outro e assumindo uma posição estática e de observação. O parceiro, então, aproxima-se lenta e cuidadosamente, pois pode ser surpreendido com um ataque inesperado, até conseguir um contato corporal com o jogador que o "chamou". Inicia-se, então, um "bailado" entre os dois, que se deslocam alguns passos para frente e para trás, sem que seus corpos se "descolem" um do outro. A tensão entre ambos é visível, pois, a qualquer instante, um deles pode tentar alguma "mardade" contra o outro. A chamada é interrompida no momento em que aquele que "chamou" toma a iniciativa de recomeçar o jogo, convidando seu parceiro por meio de gestos característicos. E o jogo se reinicia.

Nessa simulação, representada pela *chamada de angola*, a mandinga mostra-se na forma como cada jogador lida com essa situação, demonstrando sua malícia, sua sagacidade e sua habilidade de expressar-se dissimuladamente, dificultando para o parceiro a interpretação de suas verdadeiras intenções, quando um certo clima de apreensão paira sobre os dois capoeiras. A chamada é um momento que sempre guarda um certo mistério durante uma roda de capoeira angola. Numa chamada tudo pode acontecer. Os dois ca-





poeiras têm que estar atentos e preparados para possíveis surpresas, que não raro acontecem nessas situações.

Urgente urgentíssimo ficar prevenido, estar de alerta em qualquer ocasião, na tocaia das vastas atalaias, já que toda atenção é pouca. Assim rezam os preceitos da mandinga, uma vez que macaco velho jamais mete a mão em cumbuca. (...) O segredo da artimanha está dentro de si mesmo, no íntimo do seu mistério, verdadeiro e único. Já que o martírio existe dentro das sete chagas de Cristo, então camaradinho conserve a fé no que você possui e desconfie até da sombra...com simpatia, disciplina e iluminação na alma.⁸

Analisar a mandinga na capoeira significa mais do que identificar alguns aspectos do ritual presentes na roda, da malícia, do gestual ou do discurso dos capoeiras. Significa buscar um entendimento mais aprofundado sobre determinados comportamentos que certos “angoleiros” apresentam, os quais podem ser considerados como aprendizados que se iniciam na roda de capoeira, e, como diz o Mestre Moraes (Pedro Moraes), expandem-se, posteriormente, para o cotidiano desses sujeitos, expressando-se nas suas formas de se relacionarem com o mundo.

Certos procedimentos, crenças, superstições e hábitos observados, principalmente entre os praticantes da capoeira angola, moradores de Salvador e arredores, que se estendem até o Recôncavo Baiano, são características muito peculiares de um certo tipo de sujeito social que se difere justamente por ter adquirido, a partir da vivência na capoeira angola, um comportamento baseado em outra lógica, que escapa de uma racionalidade predominante nas sociedades modernas e que se expressa pela forma como se relaciona com a realidade em que vive. Normalmente são pessoas que desenvolvem uma atenção, uma sagacidade, uma presença de espírito, um sexto sentido mesmo, características estas um tanto diferenciadas de um comportamento considerado padrão nas sociedades urbanas contemporâneas.

Essa “outra lógica” relaciona-se com características mítico-religiosas oriundas da cultura afro-brasileira, que, por meio da capoeira, se expressa de várias formas, desde tempos imemoriais.

O famoso Mestre Noronha (Daniel Coutinho), que viveu as primeiras décadas do século XX em meio à malandragem da capoeira baiana, deixou um legado valioso: seus manuscritos, os quais retratam muitos aspectos da capoeiragem daquela época, referência importantíssima para historiadores que buscam reconstruir esse período de valentia e desordens. Em um dos trechos, transcrito fielmente dos originais, ele diz:

Eu e meus colega da mesma arte, de capoeira, porque hoje em dia está nos meios social e no mundo inteiro porque é uma defeiza pessoal de

grande valor que é suas mandinga tracueira para vencer todas parada que apareiza sendo a hora suficiente si causo não for dezista para outra ocasião porque eziste outro encontro porque quem apanha nunca cisquece e quem dá não se lembra esta é a malícia do capoeirista (p.18).⁹

A mandinga de Besouro Mangangá - que segundo Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado), criador da capoeira regional, “era capaiz di sartá di costa i caí de vórta dentru dus chinélu”¹⁰ -, e também de Mestre Noronha, Pastinha, Cobrinha Verde e de tantos outros capoeiras antigos, considerados “mandingueiros”, que povoam o imaginário popular de Salvador e do Recôncavo, parece exercer sobre o capoeira de hoje em dia uma influência que vai além daquela referente às “qualidades” de desordeiros e valentões.

Esse componente de magia que reveste o universo da capoeira, embora proveniente desse imaginário popular, expressa o vasto campo de significados dessa manifestação afro-brasileira e de suas ligações com o “sagrado”, assim como muitas das manifestações e tradições presentes no universo da cultura popular no Brasil. A dimensão do sagrado tem para o povo simples de nosso país um sentido muito especial e profundo, que determina suas crenças, seus modos de vida, seus sonhos, suas lutas, suas vitórias e suas derrotas.



(8) Maior é a capoeira, pequeno sou eu, José Umberto. Revista da Bahia, nº 33 – Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1999

(9) O ABC da capoeira angola: manuscritos do mestre Noronha. Frederico Abreu. Brasília. DEFER, 1993 (foi mantida a grafia utilizada no manuscrito).

(10) Mestre Bimba: corpo de mandinga. Muniz Sodré Rio de Janeiro: Manati, 2002 (p.36)



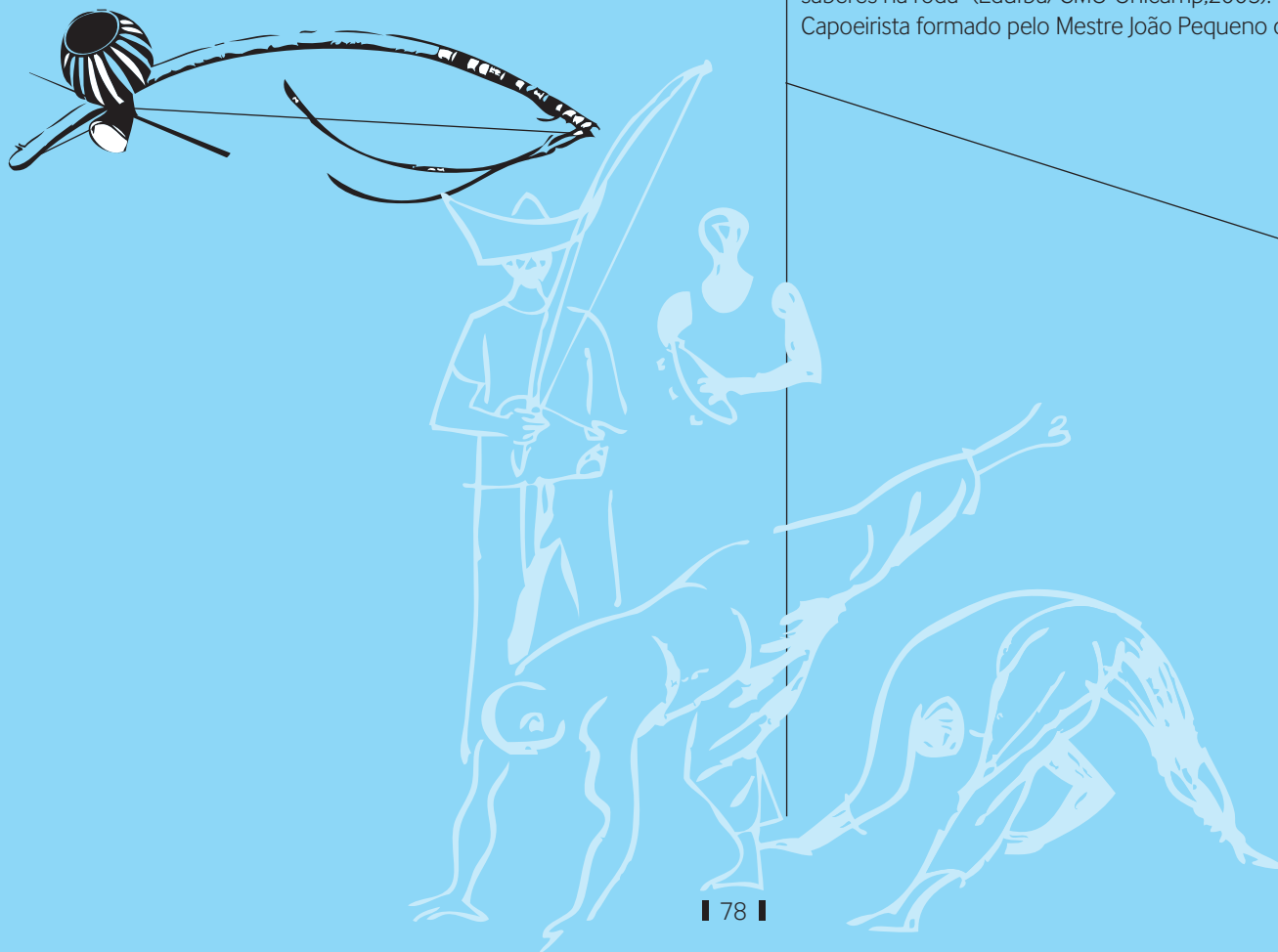
A dimensão do sagrado tem para o povo simples de nosso País um sentido muito especial e profundo, que determina suas crenças, seus modos de vida, seus sonhos, suas lutas, suas vitórias e suas derrotas.

O capoeirista da atualidade, consciente ou inconscientemente, é herdeiro dessa carga ancestral que a capoeira traz consigo e não pode ficar imune aos sentidos e significados implicados no processo de identificação cultural pelo qual passa um iniciado da capoeira, que acaba adquirindo outras atitudes, acaba desenvolvendo outras formas de se relacionar com o mundo, com o perigo, com a adversidade, com o desconhecido, com o inesperado.

A prática da capoeira, nos últimos anos, tem se transformado em mera mercadoria de consumo, servindo para atrair e deslumbrar turistas por meio de saltos mortais e de um jogo cada vez mais "espetacularizado", afastando-se de suas características mais tradicionais, da ritualidade, da ancestralidade, da mandinga.

Porém, esse processo não se dá sem resistências e oposições. Ao mesmo tempo, vão sucedendo-se importantes experiências no mundo todo que se caracterizam pela afirmação do legado histórico da capoeira, a reverência aos seus antepassados e às formas tradicionais de sua prática, valorizando e dando dignidade à essa manifestação surgida da criatividade, da crença, da alegria e do sofrimento de um povo.

A CAPOEIRA E SEUS ASPECTOS MÍTICO-RELIGIOSOS



Pedro Rodolfo Jungers Abib. Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia
Autor do livro: "Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda" (Edufba/CMU-Unicamp, 2005).
Capoeirista formado pelo Mestre João Pequeno de Pastinha

